

## O RIO QUE PASSA PELA RÃ E O TEMPO DAS MEMÓRIAS

### THE RIVER AROUND THE FROG AND THE MEMORY'S TIME

Ricardo Marques Macedo  
(UNEMAT/Capes)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Pretende-se oferecer neste artigo uma análise sobre a constituição do tempo na trilogia de *Memórias inventadas* de Manoel de Barros. Para tanto, o ponto de partida na discussão se dá com a concepção de um tempo perceptível e mensurado unicamente pela e na linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Velhice. Memórias. Tempo.

**ABSTRACT:** It has intended to provide in this paper a discussion about time's composition in *Memórias inventadas* trilogy by Manoel de Barros. For this, our starting point in discussing get

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL). Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Tangará da Serra. Docente da UNEMAT de Pontes e Lacerda. 78250-000. Mato Grosso. Brasil. E-mail: ricj.mt@gmail.com

along from a noticeable and measured time conception solely  
by and in language.

**KEYWORDS:** Old age. Memory. Time

*O instante poético é a consciência de uma ambivalência. [...] O instante poético obriga o ser a valorizar ou a desvalorizar. No instante poético o ser sobe ou desce, sem aceitar o tempo do mundo, que reduziria a ambivalência à antítese, o simultâneo ao sucessivo.*

(BACHELARD, 2007, p. 101).

O tempo acompanha o homem durante toda sua existência, embora sua presença seja praticamente imperceptível ou ignorada na maioria das vezes. Desta forma, nossa proposta neste artigo é investigar como o tempo é constituído no conjunto de livros intitulados *Memórias inventadas*, de Manoel de Barros. São três obras que, em geral, relatam as memórias desejadas de um poeta em sua velhice. O primeiro volume relata do nascimento ao início da puberdade e recebeu o subtítulo de “A primeira infância”. O segundo retrata a descoberta da sexualidade e a vida adulta sob título de “A segunda infância”. O último se debruça sobre a velhice do sujeito em “A terceira infância”, mas encerra seu percurso retornando à fase inicial de vida.

O primeiro ponto a destacar na obra é que apesar da aparente “infância”, o sujeito enunciador se encontra na velhice e é a partir deste estágio de vida que sua visão é (re)constituída pelas memórias. O homem ao percorrer sua velhice tende a ser rotulado, equivocadamente na maioria dos casos, como incapaz de realizar as atividades que executava, praticamente nada mais lhe sobra além de(re)viver suas lembranças e transformar sua experiência de vida em ferramenta de ensino para os mais jovens e inexperientes, através do ato de contar suas memórias.

Segundo Maurice Halbwachs (1959, p. 85),

Dans les tribus primitives, les vieillards sont les gardiens des traditions, non seulement parce qu'ils les ont reçues plus tôt que les autres, mais aussi sans doute parce qu'ils disposent seuls du loisir nécessaire pour en fixer les détails au cours d'entretiens avec les autres vieillards, et pour les enseigner aux jeunes gens à partir de l'initiation. Dans nos sociétés aussi on estime un vieillard en raison de ce qu'ayant longtemps vécu il a beaucoup d'expérience et est chargé de souvenirs.<sup>2</sup>

Ecléa Bosi (1999) acrescenta ainda que há uma espécie de obrigação social em que homens e mulheres na velhice se veem obrigados a lembrar (e lembrar bem). Assim, espera-se que nesta fase, na velhice, todos se transformem em guardiões de uma faceta de história da humanidade. Além disto, Simone de Beauvoir (1970) alerta para o fato de que se espera que os velhos sejam exemplos de vida:

Os velhos provocam escândalo quando manifestam os mesmos desejos, sentimentos e reivindicações dos jovens; o amor e o ciúme, neles, parecem ridículos ou odiosos, a sexualidade é repugnante, a violência derrisória. Têm a obrigação de dar exemplo de todas as virtudes. Acima de tudo, deles se exige serenidade: afirma-se que a possuem e isto autoriza um desinteresse pelo seu infortúnio. (BEAUVOIR, 1970, p. 8)

O sujeito das memórias inventadas encontra-se, portanto, diante deste desafio. Contar suas lembranças, numa tentativa de perpetuar seu olhar sobre o mundo e o tempo em que viveu.

## Das importâncias e a relatividade

O homem estava sentado sobre uma lata na beira de uma garça. O rio Amazonas passava ao lado. Mas eu queria insistir no caso da rã. Não seja este um ensaio sobre orgulho de rã. Por que me contou aquela uma que ela comandava o rio Amazonas. Falava, em tom sério, que o rio passava nas margens dela. Ora, o que se sabe, pelo bom senso, é que são as rãs que vivem nas margens dos rios. Mas aquela rã contou que

estava estabelecida ali desde o começo do mundo. Bem antes do rio fazer leito para passar. E que, portanto, ela tinha a importância de chegar primeiro. Que ela era por todos os motivos primordial. E quem se fez primordial tem o condão das primazias. Portanto era o rio Amazonas que passava por ela. Então, a partir deste raciocínio, ela, a rã tinha mais importância. Sendo que a importância de uma coisa ou de um ser não é tirada pelo tamanho ou volume do ser, mas pela permanência do ser no lugar. Pela primazia. Por esse viés do primordial é possível dizer então que a pedra é mais importante que o homem. Por esse viés é que a rã se acha mais importante do que o rio Amazonas. Por esse viés, com certeza, a rã não é uma criatura orgulhosa. Dou federação a ela. Assim como dou federação à garça quem teve um homem sentado na beira dela. As garças têm primazia.

(BARROS, 2010, p. 55)

Neste poema, o sujeito poético apresenta uma questão primordial ao observar o motivo do tempo: a relatividade. É seu ponto de vista sobre os objetos observados que relativiza (temporalmente) o aparecimento de cada objeto e sua ordem de importância.

No livro *Astúcias da enunciação* (1996) Fiorin elenca pelo menos três processos principais pelos quais passaram os estudos sobre o tempo. A primeira noção temporal que se tem é a dada pelo mito, em seguida a filosofia assume os debates possibilitando uma compreensão do tempo físico e, por fim, diante da complexidade que o tema apresenta, surge a análise linguística do tempo.

Na mitologia são diversos os exemplos de marcas temporais. Entre os hebreus, por exemplo, Deus ao criar o mundo também provoca o aparecimento do tempo ao dividir o dia e a noite. Outro exemplo de mito ligado ao tempo é o de Mnemosyne, considerada como aquela que permitiria o abandono do tempo e o retorno a um estágio divino.

Da filosofia podemos citar Aristóteles e Santo Agostinho para demonstrar como o tema já foi inicialmente debatido. O tempo em

Aristóteles aparece com um elemento físico, cósmico e natural. Na *Poética*, por exemplo, o filósofo o cita ao falar sobre a extensão da tragédia que deve se encerrar no tempo de uma revolução solar. De outro modo, é um fenômeno físico e cósmico que define o que é o tempo.

Santo Agostino aprofunda o debate sobre o tempo no livro XI das Confissões (1989), deslocando-o de uma composição meramente física e cósmica, e postula o *não ser* do tempo:

Se, portanto, o presente, para ser tempo, precisa transitar para o passado, como dizemos que ele é, já que a única razão, para que seja, é não ser, de forma que de fato não dizemos que o tempo é, a não ser porque tende para o não ser? (AGOSTINHO, XIV, p. 17)

Santo Agostinho apresenta ainda a proposta de inexistência para defender a existência de três tempos (passado, presente e futuro), pois o que se teria são três modalidades distintas do presente. A primeira modalidade seria o passado (memória), a segunda seria o do presente (o olhar, o ponto de vista no momento), e o futuro seria a terceira modalidade do presente que representaria o momento de espera.

Ao abandonar a visão física e cosmológica do tempo, Agostinho passa a visualizar a experiência temporal por meio de signos, aproximando-se de uma reflexão linguística do tempo. A partir disto, para explicar o enigma da mensuração temporal, Agostinho esboça uma distinção entre temporalização e aspectualização.

A temporalização, segundo Fiorin (1996), se refere à aplicação de uma categoria topológica de concomitância vs. não-concomitância a um determinado momento de referência (MR) ou à não-coincidência das três modalidades de presentes apresentadas por Agostinho (memória, visão e espera) em relação ao momento

de enunciação (ME). Já a aspectualização pode ser entendida como a transformação em processos de certas ações.

É através do simulacro da ação do homem no mundo, a enunciação propriamente dita, que a temporalização se faz manifestar na linguagem. Fiorin (1996) afirma ainda que é através da enunciação (mais propriamente ao enunciar) que o homem cria tempos, espaços e pessoas.

## Entre baús de tempos

Barros ao lembrar os instantes que formam suas memórias inventadas busca transportar estas lembranças para o presente. Pela palavra, e somente pela palavra, o passado emerge e transforma-se em presente, embora permaneça como a primeira modalidade de presente elaborada por Agostinho, ainda é memória. Assim, lembrar passa a ser visto pelo poeta também como um ato de inventar, criar uma nova lembrança para ser guardada, como se fosse possível lançar um novo olhar sobre um ponto de vista já marcado anteriormente.

Há de se ater também à impressão que nos resta ao dividir a vida em agrupamentos de instantes. A fase de infância nos aparenta com maior duração que todas as outras. Para Ecléa Bosí (1999, p. 415),

A infância é larga, quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos afundam. Difícil transpor a infância e chegar à juventude. Aquela riquíssima gama de nuances afetivas de pessoas, de vozes, lugares...

Já a percepção da fase adulta é breve, passageira, corrida e quase nunca marcada de momentos importantes. Ainda de acordo com Bosí (1999, p. 415)

O território da juventude já é transposto com o passo mais desembaraçado. A idade madura com passo rápido. A partir da idade madura, a pobreza dos acontecimentos, a monótona sucessão das horas, a estagnação da narrativa no sempre igual pode fazer-nos pensar num remanso da correnteza.

Segundo tese apresentada por Ecléa Bosi (1999), enquanto na infância somos descobertos e descobridores de novos objetos, mundos e seres a todo o momento, na fase adulta, as novidades já não são mais tão novidades, estamos acostumados ao ritmo corrido de trabalho, casa, finais de semanas e demais compromissos.

Na infância, relata ainda Bosi, a vida parece menos automatizada e mais romanceada. Quando adultos são poucos os momentos que realmente podem marcar, tais como uma gravidez e o nascimento de um filho, a perda de uma pessoa querida, o encontrar de uma nova pessoa amada, ou uma promoção aguardada há muito. Mesmo assim, essas marcas podem ser substituídas pela vinda do segundo ou terceiro filho, pela chegada de uma nova esposa ou esposo, ou por uma promoção melhor que a anterior.

As lembranças e os instantes parecem se acumular na infância, enquanto na fase adulta tendem a serem substituídos por outros marcos.

No conjunto de poesias que formam a trilogia das *Memórias inventadas*, o poeta, apesar de adulto, já vivendo o estágio da velhice parece crer e, principalmente, tentar fazer crer que fazem parte de suas lembranças apenas as infâncias.

Embora seja o olhar adulto que relata, a essência adotada para a composição poética tende a comungar de ideais e olhares que o sujeito acreditaria supostamente ser infantis. Interessa a todo o momento a descoberta, a aprendizagem e o novo, mesmo que reformado (transformado) pelo olhar velho.

Apesar de o sujeito poético estar na velhice, apenas em um ou outro momento nos deparamos com ele se posicionando

afirmativamente como idoso, mesmo assim, o olhar é para o passado, para aquilo que teria sido mesmo suas primeiras infâncias. Exemplo disto pode ser visto com o poema

“Fraseador” (2010, p. 39)

Hoje eu completei oitenta e cinco anos. O poeta nasceu de treze. Naquela ocasião escrevi uma carta aos meus pais, que moravam na fazenda, contando que eu já decidira o que queria ser no meu futuro. Que eu não queria ser doutor. Nem doutor de curar nem doutor de fazer casa nem doutor de medir terras. Que eu queria era ser fraseador. Meu pai ficou meio vago depois de ler a carta. Minha mãe inclinou a cabeça. Eu queria ser fraseador e não doutor. Então, o meu irmão mais velho perguntou: Mas esse tal de fraseador bota mantimento em casa? Eu não queria ser doutor, eu só queria ser fraseador. Meu irmão insistiu: Mas se fraseador não bota mantimento em casa, nós temos que botar uma enxada na mão desse menino pra ele deixar de variar. A mãe baixou a cabeça um pouco mais. O pai continuou meio vago. Mas não botou enxada.

No primeiro verso deste poema é possível identificar pelo menos dois tempos linguísticos bem marcados, sendo um que estabelece a enunciação no presente (“Hoje eu completei oitenta e cinco anos”) e outro que marca o passado enunciado (“O poeta nasceu de treze”).

Na primeira parte do verso (“Hoje eu completei oitenta e cinco anos”) o momento de referência (MR) é o presente, marcado pelo advérbio “hoje”, portanto, temos um tempo enunciativo. No entanto, a presença do verbo “completar” no pretérito perfeito marca uma relação de anterioridade do fato ocorrido, considerando-se o momento do acontecimento, em relação ao momento de referência, o hoje.

Já a segunda parte do verso (“O poeta nasceu de treze”) marca o tempo enuncivo, pois o momento de referência do enunciado se



encontra no passado, na memória. Tal fato pode ser visto pela utilização do verbo “nascer” no pretérito perfeito simples (nasceu). Marca ainda um estado de concomitância entre enunciado e referência.

O segundo verso do poema inicia-se com a locução adverbial “naquela ocasião”, revelando uma situação de anterioridade ao momento de enunciação, cuja referência volta a se fazer presente pelo advérbio “hoje” do primeiro verso.

Na sequência, os tempos se alternam entre pretérito perfeito (escrevi, era, ficou, inclinou, perguntou, insistiu, baixou, continuou, botou), pretérito imperfeito (moravam, queria) e pretérito mais-que-perfeito (decidira).

Em relação ao ponto de referência pretérito marcado pela segunda oração do primeiro verso, pode-se considerar que o uso dos verbos no pretérito perfeito simples marca uma descontinuidade que apresenta um acontecimento passado num dado momento do pretérito, porém sem levar em consideração sua extensão. Observação oposta ao que se vê com a utilização dos verbos marcados pelo pretérito imperfeito, que dão a ideia de continuidade em relação ao momento de referência pretérito.

Assim, o querer ser fraseador não é um acontecimento marcado e finalizado no passado, ele tem continuidade e concomitância a ponto de alcançar o momento de referência da enunciação no presente.

O verbo no pretérito simples é destinado, em maior parte, no poema para relatar a vontade ou a ideia que o irmão tem da vida e do que deve ser feito. Diante disso, estes verbos marcam um acontecimento encerrado no passado. Não há mais concomitância com a enunciação presente. É uma ideia abandonada.

A tensão causada pela utilização de dois momentos de referência, um em relação à enunciação e outro em relação ao enunciado, faz surgirem três sujeitos que se desdobram ao longo do

texto. Nestes termos, fala-se em um sujeito da enunciação que se transforma em sujeito do enunciado ao se posicionar como um *eu* da linguagem. O terceiro sujeito é o resultado processo de debreagem que ocorre com o sujeito do enunciado ao se lançar ao passado. Assim temos um sujeito da enunciação que narra a lembrança, um sujeito enunciado com 85 anos e um outro sujeito enunciado de segunda instância que “nasceu de treze”.

Desta forma, o *eu* que se apresenta no poema como *contador das lembranças* é marcado temporalmente, embora neste caso a temporalidade seja marcada por um evento físico e não apenas linguístico. Tem a experiência e a vida de uma pessoa que já testemunhou durante 85 anos (marcação física e cosmológica do tempo) o mundo que o cerca.

Apesar de se permitir situar no tempo que é presente e marcado pela velhice, o sujeito poético busca a interrupção deste presente atual para, através das lembranças, reconstruir um presente pretérito preenchendo desta vez com as histórias que gostaria de ter vivido. Em outras palavras, o poeta busca atualizar o passado.

De acordo com Bosi (1999, p 55),

lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.

A partir deste olhar do hoje é resgatado um outro *eu*, de apenas treze anos que se descobre com o desejo de ser poeta. Há de se observar a adoção do verbo “nascer” para esta fase que se inicia aos 13 anos. Não se trata apenas de começar a escrever, o poeta surge para a vida e para o mundo naquele momento e é a partir dali que deve ser lembrado.

Este *em* poeta que nasce aos treze anos com sua primeira poesia necessitou de oitenta e cinco anos para se maturar e se aceitar como tal, retornando, então, a um estado infante, pueril, mesmo quando em descoberta dos prazeres da vida adulta.

Desejar ser um fraseador, aquele que lida com frases, implica em abdicar de outras possibilidades. Sendo fraseador, o poeta acredita que não poderia mais ser doutor, de nenhuma espécie, nem dos que curam, nem dos que constroem ou medem terra.

No aparente tempo simples de gente pacata que habitava as fazendas do pantanal não se visualizava a possibilidade de ser poeta, pelo menos não se conheciam e compreendiam outros caminhos, a não ser se aceitar como homem da terra que lidaria com enxadas em mãos todos os dias que viriam pelo futuro. Este era o pensamento do irmão que não poupou esforços para tentar persuadir os pais a dar uma atividade “real” para o recém-nascido poeta. Ou se torna doutor para mandar e controlar, ou se torna peão para manejar uma enxada enquanto é mandado e controlado pelos patrões.

A mãe inclinava cada vez mais a cabeça para baixo, num ato que poderia representar a perda da esperança no horizonte sonhado por ela pela criança. Quanto mais se inclinava, menos o horizonte se desenhava e menor era a possibilidade imaginada de um futuro distinto do conhecido. O pai se perdia em meio ao vazio de tal anúncio. Mesmo após a arguição insistente e com base financeira do irmão, pai e mãe mantinham o movimento, um se deixava levar mais pelo vazio e a outra abaixava ainda mais a cabeça.

Neste ponto é interessante observar o conceito de horizonte de sentido que perpassa o ideal cobrado pelo irmão do poeta. De acordo com Zenón de Paz (2002, p. 1),

Existir es actuar, y toda acción supone un contexto en que elegimos lo que nos es deseable o indeseable. Ese contexto está dado por un marco

de creencias, de asunciones, tanto *ontológicas*, (es decir relativas a qué *es* y qué *no es* o qué entes existen y cuáles no), como *valorativas*, es decir relativas a lo que es bueno o malo, justo o injusto. Esas asunciones constituyen nuestro mundo y varían con cada época y cada cultura<sup>3</sup>.

Neste caso, o horizonte de sentido que se faz presente no irmão do poeta é determinado por certa cultura ou comunidade em que estão estabelecidos os valores ou as expectativas que se esperam de um indivíduo.

Assim, é partir do conjunto destes fatores ontológicos e valorativos que se define como o sucesso do indivíduo se dá ao atendimento de um determinado rol de profissões. Com isso, é possível dizer que o sujeito se constrói a partir da visão estabelecida pelo outro e para alcançar o sucesso desejado ou mesmo ser notado é necessário atender à imagem lhe é traçada por este outro.

Em “Fraseador”, o sujeito enunciado debreado, marcado pela idade de 13 anos, rompe com o horizonte de sentidos projetados pela imagem do outro (que se mostra facetada através do irmão, pai e mãe).

O poema encerra com a seguinte oração “mas não / botou enxada”, marcada por um *enjambement* responsável por provocar uma ruptura entre o advérbio “não” e o verbo “botou”, gerando uma tensão que pode criar no leitor uma expectativa sobre o que de fato ocorreu.

A quebra desta oração em dois versos pode sugerir que a expressão “mas não” é referente ao desejo de ser poeta e a frustração de ter de abandonar o sonho pela necessidade aparentemente real de se tornar doutor ou o homem das enxadas – encaixar-se no horizonte de sentido esboçado pelo outro.

Por outro lado, também pode sugerir que, apesar de não terem forçado o menino a botar as mãos na enxada, tal pensamento não teria sido definitivamente esquecido pelos pais. O fantasma do

possível fracasso como poeta poderia rondar os sonhos do garoto e caso isso viesse a ocorrer não haveria mais alternativa a não ser empunhar a enxada e se sujeitar aos argumentos do irmão.

Entretanto, o estudo dos tempos marcados pela linguagem e forma dos verbos denota que a incerteza e tentativa de impor um rumo diferente se encerram naquele momento. Não há a presença de continuidade ou concomitância da ação em relação ao momento de referência no presente.

A quebra do verso antes da apresentação do verbo “botar” em sua forma pretérita gera a expectativa no leitor sobre qual forma seria utilizada. O poeta emprega o pretérito perfeito simples e reduz o horizonte de expectativas possíveis ao leitor. Tal fato teria resultado diferente se em vez de pretérito perfeito simples optasse, por exemplo, pelo pretérito imperfeito, o que marcaria continuidade.

A temática do tempo também é tema para a poesia de Barros. Na segunda parte das infâncias nas Memórias inventadas, o poeta dedica alguns versos a este tema. Confira:

Eu não amava que botassem data na minha existência.  
A gente usava mais era encher o tempo. Nossa data maior era o *quando*. O *quando* mandava em nós. A gente era o que quisesse ser só usando esse advérbio. Assim, por exemplo: tem hora que eu sou *quando* uma árvore e podia apreciar melhor os passarinhos. Ou: tem hora que eu sou *quando* uma pedra. E sendo uma pedra eu posso conviver com os lagartos e os musgos. Assim: tem hora que eu sou *quando* um rio. E as garças me beijam e me abençoam. Essa era uma teoria que a gente inventava nas tardes. Hoje eu estou *quando* infante. Eu resolvi voltar *quando* infante por um gosto de voltar. Como quem aprecia de ir às origens de uma coisa ou de um ser. Então agora eu estou *quando* infante. Agora nossos irmãos, nosso pai, nossa mãe e todos moramos no rancho de palha perto de uma aguada. O rancho não

tinha frente nem fundo. O mato chegava perto, quase roçava nas palhas. A mãe cozinhava, lavava e costurava nos postes de cerca. A gente brincava no terreiro de cangar sapo, capar gafanhoto e fazer morrinhos de areia. Às vezes aparecia na beira do mato com a sua língua fininha um lagarto. E ali fica nos cubando. Por barulho de nossa fala o lagarto sumia no mato, folhava. A mãe jogava lenha nos quatis e nos bugios que queriam roubar nossa comida. Nesse tempo a gente era *quando* crianças. Quem é *quando* criança a natureza nos mistura com as suas árvores, com as suas águas, com o olho azul do céu. Por tudo isso que eu não gostasse de botar data na existência. Por que o tempo não anda pra trás. Ele só andasse pra trás botando a palavra *quando* de suporte. (BARROS, 2010, p. 133. Grifo do autor)

Esta poesia é principalmente marcada pela utilização dos verbos no tempo pretérito imperfeito, tais como: amava, usava, era, mandava, inventava, cozinhava, chegava, lavava, costurava, brincava e ficava, e no pretérito perfeito do indicativo, botassem, quisesse e gostasse no pretérito perfeito do subjuntivo.

O momento de referência neste caso é pretérito. A utilização dos verbos no pretérito imperfeito indica uma concomitância contínua em relação ao momento de referência desta poesia. Assim, havia certa continuidade nos fatos ocorridos e descritos.

Ao longo do texto é possível notar ainda a utilização de verbos no presente durativo. Este tempo ocorre, segundo Fiorin (1996) quando o momento de referência (MR) se apresenta mais longo que o momento de enunciação (ME). Entretanto, vale ressaltar que esse uso no sistema temporal presente tem função semelhante àquela do pretérito imperfeito no subsistema do pretérito.

No poema em análise podemos citar como exemplo o trecho “tem hora que eu sou quando uma pedra” do verso 7. Neste caso, o

momento de referência se dá com a expressão “tem hora”, e o tempo da transformação, o ser pedra, coincide com ele.

Há ainda um aspecto de pontualidade fortemente marcada pelo uso do advérbio quando. Os advérbios também se organizam temporalmente em um sistema enunciativo (centra-se num momento de referência presente) e um sistema enuncivo (centrado em um momento de referência pretérito ou futuro), inscrito no enunciado.

De acordo com Fiorin (1996, p. 168),

Os advérbios pontuais, por indicar a descontinuidade que irrompe na continuidade, servem muitas vezes, associados ao perfeito 2, para marcar o início das transformações que se dão em meio a um estado apresentado pelo pretérito imperfeito e por advérbios durativos.

Neste ponto há dois fatores a se observar, o entendimento temporal apreendido pelo eu lírico e a fusão entre tempo e ser a partir do advérbio *quando* que passa a determinar a posição sujeito ocupada pelo indivíduo em determinado espaço e tempo.

Quanto ao primeiro caso, o sujeito poético compreende o tempo vivido não pela sua aparente continuidade, como se fosse uma longa via em que se caminha desde o nascimento até morte. A apreensão temporal se dá aqui em um nível fragmentado. Tem-se a concepção do instante atuando sobre sua percepção.

Barros parece compartilhar desta visão para compor sua interpretação sobre o tempo e seu valor. Ao enfatizar que é o *quando* que interessa, toda a continuidade da duração é considerada apenas como uma potência a ser realizada pelo conjunto de *quandos* (instantes) que se realizam ao longo da vida.

Ao dizer, por exemplo, “tem hora que sou *quando* uma árvore e podia apreciar melhor os passarinhos”, o poeta marca a seu modo um tempo e um espaço. Aquele era o tempo em que era permitido ser como as árvores e apenas apreciar os voos dos pássaros, não

havia a obrigação e a correria da vida adulta. Havia a liberdade infante para apenas contemplar a natureza. Nenhuma outra ação ficava pendente. De mesmo modo, se delimita o espaço em que poderia ocorrer, já que para se contemplar os pássaros como as árvores faziam era necessário estar em ambiente similar, no campo ou no quintal de sua casa.

O momento de referência *tem hora* e o advérbio de aspectualização pontual *quando* restringem com propriedade o espaço e o tempo em que a transformação do ser em objeto da natureza pode e deve ocorrer.

E mais, além de especificar o encontro entre espaço e tempo em determinado instante, o uso do *quando* traz um terceiro elemento à cena, a multiplicidade do ser. Assim, o *quando* também permite ao ser se multiplicar em diferentes seres ao longo da vida.

O sujeito poético poderia então ser a árvore, a pedra ou rio. Na enunciação do poema, o *eu* afirma estar “*quando* infante” (2010, p. 133). É interessante observar que ao mesmo tempo em que este *eu* se coloca como uma criança (ou ser dotado de características infantis) há o subentendimento da presença da conjunção subordinada comparativa “como”.

Estar *quando* passa a significar também um estar *como*. Optar por estar *quando* e não estar *como* implica a divisão do processo em duas fases distintas, a comparação e a comunhão. O estar *como* implícito no verso marca a fase da comparação, amplamente negada pelo poeta em suas obras, em que o ser idoso e o ser infante são postos frente a frente e as características de ambos são comparadas e confrontadas. O ser idoso então passa a assumir as qualidades do infante que já não mais possuía.

Na segunda fase, estar *quando* é fazer com que o ser idoso se transporte ao momento de referência e passe a comungar não só das características do ser infante, mas compartilhar também aquilo que seria seu ponto de vista sobre o mundo e as coisas.



O estar *como* é negado e omitido pelo poeta. Há a necessidade de se acreditar poder ser outro ser de forma mais real possível. Busca-se a comunhão e não a comparação, em outras palavras, é preciso ser ou acreditar ser o outro em sua total abstração. A relação e a presença de múltiplos *eus* serão vistas no terceiro capítulo deste trabalho.

Neste mesmo poema o sujeito poético demonstra não gostar da ideia de olhar para o passado ou demarcar com datas fixas e convencionais o tempo de suas lembranças. Para ele, o importante é fazer com que o passado volte a ser presente, através da palavra, e este movimento é realizado ao empregar o advérbio *quando*.

Assim, quando o sujeito poético é *quando* outro ser, ele busca transportar do passado este ser e realocá-lo no presente, como em uma dobra temporal em que os dois tempos se curvam aproximando-se de modo a serem um só, como se fechasse um ciclo e o executasse novamente. De outro modo, só se presentifica o passado através da linguagem.

## Referências

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 5. ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1955.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad. Antonio de PaduaDanesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. **A intuição do instante**. Trad. Antonio de PaduaDanesi. Campinas: Verus, 2007.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003. Não paginado.

\_\_\_\_\_. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Planeta, 2006.

Não paginado.

\_\_\_\_\_. **Memórias inventadas:** a terceira infância. São Paulo: Planeta, 2008.

Não paginado.

BERGSON, Henri. **Duração e simultaneidade.** Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **Matéria e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice:** a realidade incômoda. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BERISTÁIN, Helena. **Diccionario de retórica y poética.** 7. ed. México: Editorial Porrúa, 1995.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária.** Trad. Ivã Carlos Lopes e outros. Bauru: EDUSC, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANCO, Lucia Castello. **A traição de Penélope.** 2. ed. São Paulo: Annablume, 2011.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação:** as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

\_\_\_\_\_. **Les cadres sociaux de la mémoire.** Paris: Les Presses universitaires de France, 1959.

LOTMAN, Iuri M. El símbolo en el sistema de la cultura. **Forma y función.** Bogotá, n. 15, pp. 89-101.

PAZ, Zenón de. Horizontes de sentido en la cultura andina: El mito y los límites del discurso racional. **COMUNIDAD Centro de Investigación y Promoción Cultural RAICES**, N° 5, Piura, 2002.

ROSSI, Paulo. **O passado, a memória, o esquecimento:** seis ensaios da história das ideias. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: UNESP, 2010.

## Notas

<sup>2</sup>"Em tribos primitivas, os anciãos são os guardiões da tradição, não só porque eles as receberam, mais cedo do que outros, mas, provavelmente, só porque eles têm o tempo livre para fixar os detalhes no curso de conversas com outros velhos, e para ensiná-los aos jovens desde o início. Em nossa sociedade também se estima um homem velho, pois tendo vivido por muitos anos, ele tem muita experiência e está cheio de memórias." (tradução nossa)

<sup>3</sup>"Existir é atuar, e toda ação supõe um contexto em que elegemos o que nos é desejável ou indesejável. Esse contexto está dado por um marco de crenças, de pressupostos, tanto *ontológicas*, (relativas ao que é e ao que não é ou a entidades que existem ou quando não existem), como *valorativas*, relativas ao que é bom ou mau, justo ou injusto. Esses pressupostos constituem nosso mundo e variam com cada época e cultura." (tradução nossa)

